

Recursos Linguísticos Prosódicos como Facilitadores do Desenvolvimento da Linguagem na Clínica Fonoaudiológica do Autismo¹

*Andréa Novaes Ferraz de Lima
Wagner Teobaldo Lopes de Andrade
Marígia Ana de Moura Aguiar
Francisco Madeiro*

Resumo: Este trabalho apresenta e discute questões referentes à comunicação não-verbal no caso do autismo. Respalhando-nos em Marcuschi (2003), entendemos os recursos supra-segmentais, apesar da sua natureza linguística, como marcadores de caráter não-verbal, que correspondem aos contornos entoacionais, ao tom de voz, ao ritmo, aos alongamentos vocais, entre outros. Através de gravações de sessões terapêuticas fonoaudiológicas de duas crianças autistas, percebeu-se que os recursos linguísticos prosódicos desempenharam o papel de articular os segmentos do discurso, facilitar a compreensão, orientar o interlocutor durante a interação, traduzir o estado emocional dos interactantes e facilitar o acesso ao significado do discurso.

Palavras-chave: autismo; clínica fonoaudiológica; prosódia; linguagem.

Abstract: This paper presents and discusses some aspects as related to non-verbal communication in autism. Based on Marcuschi (2003), we consider that despite their linguistic nature, suprasegmentals as non-verbal markers correspond to intonation contour, voice pitch, rhythm, vowel length, among others. The analysis of speech therapy sessions of two autistic children showed that prosodic resources play the role of articulating discourse segments, providing comprehension, guiding the speakers during interaction, showing the speaker emotional feelings as well as facilitating discourse meaning access.

Keywords: autism; language therapy clinic; prosody; language.

Resumen: Este trabajo expone y discute cuestiones relativas a la comunicación no verbal en el caso del autismo. Con respaldo en Marcuschi (2003), entendimos los recursos supra-segmentarios, a pesar de su naturaleza linguística, como marcadores

1. Artigo enviado em 1º de outubro de 2010.

de carácter no verbal que corresponden a los contornos, circuitos entonacionales, al ton de voz, al ritmo, a los alargamientos vocales, entre otros. A través de grabaciones de sesiones terapéuticas fonoaudiológicas de los infantes autistas, percibióse que los recursos lingüísticos prosódicos han desempeñado el papel de articular los segmentos del discurso, facilitar la comprensión, orientar el interlocutor durante el interacción, traducir el estado emocional de los interagentes y facilitar el acceso al significado del discurso.

Palabras-llave: autismo; clinica fonoaudiológica; prosódia; lenguaje.

Introdução

A linguagem humana, segundo Koch (2003), foi, ao longo do tempo, concebida, fundamentalmente, por três vertentes: como representação do mundo e do pensamento, como instrumento de comunicação e como forma de ação ou interação.

A linguagem, sua importância, seu papel e suas manifestações têm sido constantemente estudados, pois, como afirma Koch (2003: 127), a linguagem é “o lugar onde os indivíduos se representam e constituem o mundo e suas situações ao se constituírem e representarem de determinada forma”.

Autores como Marcuschi (2001; 2005a; 2005b) e Koch (2003; 2006) ressaltam que os movimentos rápidos de produção da fala, por não serem planejados anteriormente e por conterem o envolvimento dos interlocutores no jogo das relações interpessoais, podem gerar interrupções, inserções, repetições, correções, hesitações e parafraseamentos, empregados de maneira significativa na interação.

No que se refere ao autismo, a linguagem vem sendo estudada como foco central desde a década de 80 (Perissinoto 2003). Autores como Loveland e Landry (1986), Charlop (1983), Prizant e Rydell (1984), além do precursor Kanner (1943), discutem as peculiaridades da linguagem como uma forma de investigação e diagnóstico do autismo infantil.

O autismo, enquanto entidade nosológica, foi identificado por Kanner, em 1943, ao descrever um grupo de onze crianças que apresentavam

características semelhantes. O comportamento dessas crianças era marcado por um isolamento extremo, incapacidade para vincular-se, de maneira ordinária, com pessoas e situações, estereotípias gestuais e distúrbios de linguagem (ausência completa de linguagem, repetições de jargões sem significação, ecolalia, incapacidade de manejar pronomes pessoais e construção de neologismos).

Para Kanner (1943), 75% dos autistas aprendem a falar, os demais ficam mudos. O autor cita a literalidade, a repetição ecolálica² e as inversões pronominais como características constantes das crianças autistas. Além disso, pontua que a linguagem adquirida não serve como meio de comunicação, não havendo, portanto, nenhuma diferença entre os autistas “falantes” e os “mudos”. Loveland e Landry (1986) afirmam que muitas crianças autistas não adquirem linguagem e aquelas que o fazem apresentam vários problemas, dentre os quais alterações do timbre, da velocidade, do ritmo, da entoação, falta de iniciativa em começar ou manter um diálogo e falta de expressão emocional.

Em todos os enfoques atuais do autismo, como afirmam Rivière (2002) e Perissinoto (2003), o desenvolvimento da comunicação constitui uma prioridade nas intervenções fonoaudiológicas. Desta forma, este estudo teve como objetivo estudar os recursos linguísticos prosódicos como facilitadores do desenvolvimento da linguagem na clínica fonoaudiológica do autismo.

A Fonoaudiologia, atualmente, começa a trabalhar na perspectiva de uma terapia da linguagem conduzida numa situação mais próxima das situações interativas do dia-a-dia, onde se valoriza toda manifestação comunicativa por parte do paciente e o enfoque não se restringe apenas às manifestações linguísticas, mas, principalmente, a todo contexto comunicativo.

Partindo dessa visão, é fundamental que o fonoaudiólogo, enquanto participante ativo do processo de aquisição da linguagem de seu paciente com diagnóstico de autismo, compreenda e utilize os recursos que permeiam as trocas interativas.

2. Citada por inúmeros autores como a característica de linguagem mais comum no autismo (Prizant e Duchan 1981; Howlin 1982; Paccia e Curcio 1982; Roberts 1989; Rydell e Mirenda 1991), a ecolalia é normalmente definida como uma repetição em eco do enunciado dos outros.

Dionísio e Hoffnagel (1996) afirmam que, para ocorrer uma intercompreensão nas situações face-a-face, é importante que sejam valorizados todos os recursos presentes na interação, ou seja, os recursos linguístico-discursivos, os paralinguísticos e os supra-segmentais.

Marcuschi (2003) pontua que os recursos supra-segmentais, também chamados de prosódicos, apesar da sua natureza linguística, são marcadores de caráter não-verbal. Eles correspondem aos contornos entoacionais, ao tom de voz, ao ritmo, aos alongamentos vocais, entre outros.

Alongamentos Vocálicos

De acordo com Marcuschi (2006), os alongamentos vocálicos podem funcionar como hesitações, como coesão rítmica, além de funcionar para dar ênfase. Segundo esse autor, no nordeste brasileiro, é comum o aparecimento do alongamento vocálico marcando o ritmo da fala, quase que virgulando entoacionalmente o texto, realizando, com isto, a coesão pela entoação, bem como montando um ritmo de marcação prosódica para unidades ideacionais.

Ritmo

De acordo com Metter (1991), o ritmo se refere à regulação do tempo na fala, associada com a mudança de entoação e da intensidade.

Travaglia (2006) afirma que a fala tem um ritmo normal, podendo variar dentro de um certo padrão, porém se o falante foge desse padrão, acelerando ou tornando a fala mais lenta, esse falante pode chamar a atenção para determinados elementos do seu texto.

Altura da Voz

A altura da voz é o tom usado pelo falante. Normalmente, existe uma altura considerada padrão, porém, o falante pode enunciar alguns elementos elevando ou baixando o tom da voz.

De acordo com Travaglia (2006), as alterações da altura vocal são realizadas basicamente por dois motivos: para destacar algo quando se usa o tom alto, ou para apagar, obscurecer e camuflar algo, quando se usa o tom baixo. Nos seus estudos, esse autor realizou uma análise quantitativa das classes de elementos em relevo pela altura da voz e concluiu que os substantivos são os mais encontrados. Observou, decrescentemente, variações na altura da voz nos adjetivos, nos intensificadores, nas classes dos verbos e dos advérbios, nos quantificadores, nos pronomes, nas preposições e conjunções, e nos sintagmas.

Entoação

De acordo com Jubran (2006), um dos mecanismos mais eficientes para produzir sentidos durante a interação dialógica é a entoação. Travaglia (2006) entende a entoação como a escala de variação, com elevação e/ou abaixamento de altura do tom laríngeo da voz ao se emitir uma frase, incidindo sobre uma sequência mais longa, determinando a linha melódica da frase.

Para Marcuschi (1978-1999), a entoação é fundamental para a análise da conversação sob vários aspectos, tanto do ponto de vista pragmático (interacional), como sintático e ressalta a importância de se adotarem três símbolos, hoje convencionais, para este tipo de marcação, quais sejam:

- a) ↑ para entoação ascendente
- b) ↓ para entoação descendente
- c) → para entoação constante

Alves *et al.* (2006) definem a entoação como a elaboração linguística da melodia. Citam como parâmetros acústicos utilizados no estudo da entoação: a frequência fundamental, a duração e a intensidade, que têm como correlatos perceptuais a altura melódica, o tempo e a força respectivamente. A entoação dá acesso ao significado. Transmite as emoções e atitudes do falante. Segundo Brazil (1987), a entoação está sempre em função do discurso, constituindo-se como estratégia do falante para orientar o interlocutor.

Para Mello (1984: 56), a entoação é “ao mesmo tempo, uma expressão da unidade sintática e um meio pelo qual a voz traduz os estados afetivos, emocionais e de contaminação ambiental”.

Método

Neste trabalho, foram eleitos os recursos linguísticos prosódicos (alongamento vocálico, entoação ascendente ou descendente, alteração no ritmo e alteração na altura da voz) e, especificamente, o papel de cada um, durante as intervenções fonoaudiológicas, como facilitador no desenvolvimento da linguagem de duas crianças com diagnóstico de autismo.

Os recortes aqui analisados compõem o banco de dados da pesquisa de Ferraz-de Lima (2007), que objetivou investigar o papel dos aspectos linguísticos verbais, prosódicos e paralinguísticos na construção da linguagem da criança autista na clínica fonoaudiológica.

Participaram deste estudo duas fonoaudiólogas e duas crianças com diagnóstico de autismo, com idades de 8 e 12 anos. Os sujeitos compuseram duas díades, formadas, cada uma, por uma fonoaudióloga e uma criança, identificadas como T1 (terapeuta – díade 1), P1 (paciente – díade 1), T2 (terapeuta – díade 2) e P2 (paciente – díade 2).

A coleta dos dados foi feita através de videografações, nos consultórios das fonoaudiólogas, e as sessões foram posteriormente transcritas literalmente com a utilização das normas de transcrição do texto falado (Anexo) propostas pela Análise da Conversação (Marcuschi 2003).

A análise dos recursos linguísticos prosódicos presentes nos turnos das fonoaudiólogas e de seus pacientes foi feita de forma quantitativa e qualitativa.

Resultados e Discussões

Análise da díade 1

A análise da díade 1 permitiu a verificação de que a frequência de utilização dos recursos linguísticos prosódicos utilizados pela criança seguiu

a mesma ordem de utilização de tais recursos pela terapeuta, em relação à quantidade de ocorrência dos recursos. Em ordem decrescente: alongamento vocálico, entoação ascendente ou descendente, alteração da altura da voz e alteração no ritmo (Tabela 1).

Recursos Linguísticos Prosódicos	Fonoaudióloga (T1)		Paciente (P1)	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Alongamento vocálico	140	65,73	46	52,27
Entoação ascendente ou descendente	53	24,88	31	35,23
Alteração no ritmo	02	0,94	00	0,00
Alteração na altura da voz	18	8,45	11	12,50
Total	213	100,00	88	100,00

Tabela 1: Distribuição dos recursos linguísticos prosódicos utilizados pela díade 1

Foram observados, no discurso de T1, todos os recursos linguísticos prosódicos investigados. P1 também utilizou esses recursos, excetuando as alterações de ritmo, que não foram observadas nos recortes discursivos analisados.

Segundo Knapp (1982), os recursos linguísticos prosódicos, como o alongamento vocálico, as diferentes entoações e a alteração no tom da voz, proporcionam, por si mesmos, um grande número de informações sobre o falante e sua reação frente ao seu interactante. Esses recursos, combinados a outros recursos linguísticos e paralinguísticos, criariam uma base para a comunicação.

A análise das gravações da díade 1 demonstrou que os alongamentos vocálicos presentes no discurso de T1 corresponderam a 65,73% de todos os seus recursos linguísticos prosódicos considerados neste trabalho. Muitos desses alongamentos funcionam para destacar os pontos fundamentais da sua fala e, dessa forma, atuam como facilitadores da compreensão de P1. Além disso, percebe-se que tais recursos, em alguns momentos da interação, proporcionam uma “suavidade” ao seu usuário, como pode ser observado no Quadro 1, funcionando como estratégia de sedução. Essa estratégia é também

percebida e utilizada por P1, cujos alongamentos vocálicos representaram 52,27% da totalidade dos seus recursos linguísticos prosódicos.

Entoações ascendentes, descendentes e constantes, definidas por Jubran (2006) como um dos mecanismos mais eficientes para expressar qualquer assunto, foram utilizadas por T1 e P1 ao longo das sessões fonoaudiológicas e corresponderam, respectivamente, a 24,88% e 35,23% da totalidade dos recursos linguísticos prosódicos utilizados.

De acordo com Brazil (1987), a entoação serve para orientar o interlocutor. Essa estratégia foi identificada nos turnos de T1, que, em consonância com os conceitos apresentados por Alves *et al.* (2006), utiliza a entoação para facilitar o acesso de P1 ao significado do discurso.

Observa-se, no Quadro 1, que a fonoaudióloga faz uso constante de entoações descendentes para facilitar a compreensão do paciente, obtendo êxito na última passagem.

((P1 está em cima da cadeira tentando pegar bombons na estante))
T1 – vamo descer: rapaz ↓
P1 – quero pegar / quero pegar
T1 – tá vamos ↓ (+) oi? (+) pron:to ((tirando P. de cima da cadeira))
P1 – agora vamo pegar / vamo pegar / quer pegar ((pulando no chão))
T1 – tá / peraÊ ↓ ô ↓ (+) o::rdem (+) vamo guardar? ((guardando os brinquedos que estão no chão))
P1 – guardar ((também guardando os brinquedos))

Quadro 1: Transcrição de recorte em que T1 faz uso de entoação descendente

Em um outro momento de gravação, na mesma sessão, pode-se observar que T1 mantém a utilização de contornos entoacionais visando a melhor compreensão do seu interactante e que este recurso proporcionou impacto em P1 (Quadro 2).

T1 – qual é esse? Deixa eu te dizer → esse aqui é difícil é diamante ↓ (++) diamante brilha ↓ (++) eu vou procurar agora tá certo? qual é esse daqui?
P1 – carro
T1 – é um carro um ônibus

Quadro 2: Transcrição de recorte em que T1 faz uso de contornos entoacionais

Nos turnos de P1, conforme os Quadros 3 e 4, percebe-se o uso da entoação como manifestação do seu estado emocional. Essa função foi descrita por Mello (1984) ao sinalizar a entoação como um meio de tradução dos estados afetivos, emocionais e de contaminação ambiental.

((P1 pega uma figura))
T1 – que é isso aí?
P1 – castelo
T1 – caste:lo? você mora num caste:lo?
P1 – é
T1 – hum: que bom: tá bom:: e:ita tem muita cola aqui
P1 – me dá ↓
T1 – [vamo colar ↓

Quadro 3: Transcrição de recorte em que P1 usa a entoação como manifestação do seu estado emocional

T1 – [eu vou] [perai é porque (+) eu tô mexendo com a outra mã:o vamo trocar de lugar?
P1 – não
T1 – por quê?
P1 – é minha vez
T1 – sua vez? sim mas você pode na sua vez ficar aqui nessa cadeira num pode? (+++) vamo trocar/ minha vez agora você já joga:u
P1 – deixa eu jogar:: ((cantarolando))
T1 – vamo certo (+) depois
P1 – vai deixa eu jogar ↓
P1 – eu que::ro ↓
T1 – tudo bem: depo:is a gente joga vamo trocar é minha vez:

Quadro 4: Transcrição de recorte em que P1 usa a entoação como manifestação do seu estado emocional

Outro recurso linguístico prosódico encontrado nos turnos de T1 e P1 foi a alteração na altura da voz. Essas alterações tinham o papel de destacar aspectos da fala dos interactantes. De forma diferente dos estudos realizados por Travaglia (2006), observou-se, nesta díade, maior ocorrência de elevação da altura da voz nos pronomes e não nos substantivos, possivelmente pela necessidade de delimitar os autores do discurso.

Análise da díade 2

De forma semelhante ao ocorrido na díade 1, o alongamento vocálico foi o recurso linguístico prosódico mais utilizado pela terapeuta e pela criança. Em ordem decrescente, com relação à frequência de utilização dos recursos linguísticos prosódicos pela díade, observou-se: alongamento vocálico, entoação ascendente ou descendente e alteração no ritmo, conforme a Tabela 2.

Recursos Linguísticos Prosódicos	Fonoaudióloga (T1)		Paciente (P1)	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Alongamento vocálico	177	67,56	39	79,59
Entoação ascendente ou descendente	33	12,59	04	8,16
Alteração no ritmo	18	6,87	00	0,00
Alteração na altura da voz	34	12,98	06	12,25
Total	262	100,00	49	100,00

Tabela 2: Distribuição dos recursos linguísticos prosódicos utilizados pela díade 2

Percebeu-se que T2 e P2 utilizam o alongamento vocálico com maior frequência. Esse recurso corresponde a 67,56% dos recursos linguísticos prosódicos do turno da terapeuta e a 79,59% nos turnos do paciente. Destaca-se, nas análises das interações dessa díade, uma busca contínua, por parte da terapeuta, de “sedução” do seu paciente. O alongamento vocálico é aplicado sistematicamente nesse sentido e observa-se que o paciente já se utiliza do mesmo recurso.

A alteração na altura vocal, correspondente a 12,98% dos recursos linguísticos prosódicos empregados nos turnos de T2 e a 12,25% nos turnos de P2, cumpriu, nessa díade, a função de enfatizar e destacar o texto falado.

A análise das entoações presentes no discurso de T2 permitiu a constatação de que as entoações ascendentes e descendentes foram utilizadas com a função de orientar o seu discurso e facilitar a compreensão de P2. Estes recursos corresponderam a 12,59% dos recursos linguísticos prosódicos utilizados pela terapeuta e a 8,16% dos mesmos recursos utilizados pelo paciente.

Jubran (2006) ressalta a eficiência da entoação para expressar os assuntos abordados durante a interação. T2 recorre a esse recurso com a finalidade de marcar suas atitudes e intenções. Já nos turnos de P2, observa-se que, conforme afirma Mello (1984), as entoações foram utilizadas para transmitir emoções (Quadros 5 e 6).

((T2 simula estar tomando suco e P2 olha fixamente para a caixinha de suco))
T2 – bom:: que delícia ((P. tenta pegar a caixinha)) peraí eu quero tomar↑
((o suco respinga na mão de P. que lambe o local))
T2 – hum: hum hum hum hum que delícia
P2 – ()
T2 – o:i? (+) que foi?
P2 – (bota aqui ↓) ((apontando para a mesa))

Quadro 5: Transcrição de recorte em que P2 usa a entoação como manifestação do seu estado emocional

Conclusões

Entendendo que o papel do fonoaudiólogo é poder oferecer o modelo do adulto ao seu paciente como alicerce para a estruturação da linguagem, a utilização de variados recursos linguísticos proporcionaria aos seus interactantes, no caso, os pacientes, “falantes menos privilegiados”, maiores possibilidades para a estruturação do seu próprio dizer.

O imediatismo das falas nas interações face-a-face ocorrido na clínica fonoaudiológica não permite uma análise momentânea mais profunda

das falas que ali circulam. Desta forma, a descrição e análise de aspectos presentes durante as sessões de terapia propiciam uma reflexão e, quem sabe, sugerem uma futura mudança, no uso de recursos presentes na linguagem dos fonoaudiólogos.

Nesse sentido, a análise da interação de P1 e P2, respectivamente com T1 e T2, demonstrou que a utilização de variados contornos entoacionais desempenhou, em momentos distintos, o papel de articular os segmentos do discurso, facilitar a compreensão, orientar o interlocutor durante a interação, traduzir o estado emocional dos interactantes e facilitar o acesso ao significado do discurso.

As análises sugerem, ainda, que os recursos linguísticos utilizados nos discursos dos terapeutas apresentam-se refletidos no discurso dos seus pacientes.

Dessa forma, conclui-se que os recursos linguísticos prosódicos funcionam como uma estratégia importante para facilitar o desenvolvimento da linguagem dos sujeitos aqui pesquisados, demonstrando, portanto, a necessidade de um olhar privilegiado para este aspecto, na clínica fonoaudiológica do autismo.

Com relação aos terapeutas, este trabalho aponta para uma nova possibilidade de “interpretação” tanto da sua fala como da fala dos seus pacientes. A compreensão da importância do funcionamento da sua própria linguagem, e não somente das manifestações presentes na linguagem dos seus pacientes, pode proporcionar uma melhor conduta frente às patologias da linguagem.

Assim, estas considerações não representam um ponto final, mas um ponto de partida, uma abertura de caminhos e de questionamentos na Fonoaudiologia.

Referências Bibliográficas

ALVES, Luciana Mendonça *et al.* 2006. Aspectos temporais e entonativos na leitura e compreensão de crianças com transtorno de aprendizagem. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 11(3):151-7.

BRAZIL, David. 1987. *Discussing discourse*. Birmingham: English Language Research.

CHARLOP, M.H. 1983. The effects of echolalia on acquisition and generalization of receptive labeling in autistic children. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 16(1):111-26.

DIONISIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss. 1996. Recursos paralinguísticos e supra-segmentais em narrativas conversacionais. In: MAGALHÃES, M.I. org. *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: UNB, pp. 503-14.

FERRAZ-DE LIMA, Andréa Novaes. 2007. *Recursos linguísticos e paralinguísticos na clínica fonoaudiológica do autismo*. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

HOWLIN, Patricia. 1982. Echolalic and spontaneous phrase speech in autistic children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 23(3):281-94.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. 2006. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C.C.A.S e KOCH, I.G.V. orgs. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, pp. 89-132.

KANNER, Leo. 1943. Autistic disturbances of affective contact. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, 2(3):217-50.

KNAPP, Mark L. 1982. *La comunicación non verbal: el cuerpo y el entorno*. Barcelona: Paidós Ibérica.

KOCH, Ingedore GrunfeldVilça. 2003. *A inter-ação pela linguagem*. 8. ed. São Paulo: Contexto.

_____. 2006. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, C.C.A.S e KOCH, I.G.V. orgs. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, pp. 39-46.

LOVELAND, Katherine; LANDRY, Susan. 1986. Joint attention and language in autism and developmental language delay. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 16(3):335-49.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. 1978-1999. *Sistema mínimo de notações elaborado para as transcrições do projeto sobre fala e escrita*. UFPE. (mimeo).

_____. 2001. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. org. *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado das Letras, pp. 23-74.

_____. 2003. *Análise da Conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática.

_____. 2005a. Oralidade e letramento como práticas sociais. In: MARCUSCHI, L.A. e DIONISIO, A.P. orgs. *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 31-55.

_____. 2005b. A oralidade no contexto dos usos linguísticos: caracterizando a fala. In: MARCUSCHI, L.A. e DIONISIO, A.P. orgs. *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 57-84.

_____. 2006. Fenômenos intrínsecos da oralidade: hesitação. In: JUBRAN, C.C.A.S. e KOCH, I.G.V. orgs. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, pp. 48-70.

MELLO, Edmée Brandi. 1984. *Educação da voz falada*. Rio de Janeiro: Atheneu.

METTER, Jeffrey. 1991. *Distúrbios da fala: avaliação clínica e diagnóstico*. Rio de Janeiro: Enelivros.

PACCIA, Jeanne M.; CURCIO, Frank. 1982. Language processing and forms of immediate echolalia in autistic children. *Journal of Speech and Hearing Research*, 25(1):42-7.

PERISSINOTO, Jacy. 2003. Linguagem da criança autista. In: PERISSINOTO, J. org. *Conhecimentos essenciais para atender bem a criança com autismo*. São José dos Campos: Pulso, pp. 39-44.

PRIZANT, Barry M.; DUCHAN, Judith F. 1981. The functions of immediate echolalia in autistic children. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, 46(3):241-9.

PRIZANT, Barry M.; RYDELL, Patrick J. 1984. Analysis of functions of delayed echolalia in autistic children. *Journal of Speech and Hearing Research*, 27(2):183-92.

RIVIÈRE, A. 2002. *Idea: inventario de espectro autista*. Buenos Aires: Fundec.

ROBERTS, Jacqueline. 1989. Echolalia and comprehension in autistic children. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 19(2):271-81.

RYDELL, Patrick J.; MIRENDA, Pat. 1991. The effects of two levels of linguistic constraint on echolalia and generative language production in children with autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 21(2):131-57.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. 2006. O relevo no processamento da informação. In: JUBRAN, C.C.A.S e KOCH, I.G.V. org. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, pp. 167-215.

Anexo

Normas para transcrição do texto falado (MARCUSCHI, 1978-1999; 2003)

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLO
1. Indicação dos falantes	Os falantes devem ser indicados em linha, com letras ou alguma sigla convencional.	T P2 Doc.
2. Pausas	Até 6 segundos, são usadas cruzinhas. A partir de 6 segundos, é feita a indicação do tempo.	(++) (++) (10.75)
3. Silabação	Usa-se o hífen para marcar o fato.	Tre-lo-so
4. Interrogação	?	T - quem é esse?
5. Segmentos incompreensíveis ou ininteligíveis	()	
6. Comentário do transcritor	(())	((cantarola))
7. Ortografia		Tô, tá, ah
8. Marcação de alongamentos vocálicos	Utiliza-se o sinal de dois pontos após a sílaba alongada, ou seja, : para alongamentos breves, :: para alongamentos médios e ::: para longos.	Nã:o !sso, o::lha
9. Marcação de sobreposição de vozes	Indica que dois falantes produziram aquele segmento ao mesmo tempo. É indicada com um colchete.	T - essa? [é uma menina? P - [é a piscina a piscina.
10. Marcação de entoação	Adotam-se setas: ↑ para entoação ascendente, ↓ para entoação descendente e → para entoação constante.	T - ah é a piscina? Não eu tava perguntando desse aqui ↓
11. Marcação de cortes sintáticos bruscos	Indica-se com uma barra.	T - desculpa? de quê? Você num fez nada / agora fez.
12. Marcação de elevação do tom	É marcado com a escrita em MAIÚSCULA	P - ME DÁ